

Comunicação Oral

A vida humana desenrola-se num quadro referencial de coordenadas espaciais e temporais. A escola como instituição histórica e pedagógica (Durkheim, 2007) tem vindo a assumir configurações espaciais e arquitetónicas servindo um país e construindo uma identidade. Esta comunicação tem como ponto central de análise a ideia de que a disposição espacial das instituições, assim como dos seus elementos componentes, promove comportamentos que se traduzem em relações de poder (Foucault, 1994), sendo seu objeto de análise a escola, enquanto espaço edificado e contexto privilegiado de socialização (Durkheim, 2007). A forma como o edifício escolar se apresenta configurado no espaço pode condicionar os comportamentos das crianças e dos jovens e perpetuar uma ordem social estabelecida e vocacionada à reprodução social e cultural. Propõe-se uma reflexão a partir da escola – espaço e edificado – sobre identidades e sentimentos de pertença eventualmente adquiridos e interiorizados por jovens estudantes do 9º ano de escolaridade. Procura-se perspetivar a escola, mediante uma abordagem baseada na relação entre a função social da escola e a emergência de rotinas totalitárias (Goffman, 1961), e que, assente numa estrutura física e edificada, suscita a construção de perceções identitárias e eventuais sentimentos de pertença. Em Portugal as crianças ocupam uma parte significativa do seu tempo diário e semanal a trabalhar na escola e para a escola. Considerando a escola não só um espaço “privado” da infância mas sobretudo o lugar privilegiado para o exercício do ofício de aluno (Perrenoud, 1995; Sarmiento, 2000, 2011; Samagaio, 2017) procura-se, em última análise, equacionar a importância deste espaço para a construção da cidadania na infância e da participação social das crianças (Cockburn, 2010; Percy-Smith, 2010; Thomas, 2010; Sarmiento, 2015). A metodologia de investigação utilizada é o Photovoice (Wang, Burris, 1997) compreendido como um acrónimo para Voicing Our Individual and Collective Experience. Esta estratégia de investigação pode ser utilizada durante discussões orientadas para estimular os participantes a “refletirem sobre as suas próprias condições de vida, mas também no sentido de partilhar as suas experiências” (With et al., 2009, p.6) O trabalho envolve 12 crianças e jovens estudantes com idades entre os 14 e os 17 anos, numa escola no concelho do Porto, no ano letivo 2019/2020 e ao recorrer à fotografia participativa como elemento de investigação pretende constituir ele próprio um contexto de promoção da criatividade e do pensamento crítico juntos dos seus participantes. Pretende-se que os próprios construam representações e sentidos sobre a escola, através de imagens/ fotografias e de um guião de questões orientadoras da reflexão empreendida a partir das mesmas. A lente fotográfica tem a capacidade de captar detalhes que escapam ao olho humano (Scharf, 1994).

Palavras chave: photovoice; escola, identidades; pertença

XI-APS-48893 -Proposta de integração do Mapeamento do Comportamento Humano na investigação sociológica: potencialidades da sua aplicação na pesquisa sobre os

usos dos espaços verdes urbanos

Diogo Guedes Vidal - Unidade de Investigação UFP em Energia, Ambiente e Saúde, Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal

Cláudia Oliveira Fernandes - Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Porto, Portugal / Centro de Investigação em Recursos Genéticos e Biodiversidade, Vila do Conde, Portugal

Ricardo Cunha Dias - Centro de Administração e Políticas Públicas, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal

Paulo Castro Seixas - Centro de Administração e Políticas Públicas, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal

Nelson Barros - Unidade de Investigação UFP em Energia, Ambiente e Saúde, Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal

Helena Vilaça - Instituto de Sociologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal

Rui Leandro Maia - Unidade de Investigação UFP em Energia, Ambiente e Saúde, Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal / CITCEM - Centro de Investigação

Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal

Comunicação Oral

A identificação dos padrões das relações sociais tem sido o principal foco da Sociologia, englobando as que se estabelecem entre indivíduos, grupos e espaços. A observação direta de comportamentos e práticas assume-se como uma das técnicas mais mobilizadas na investigação sociológica, destacando-se pelo grau de exigência e rigor que é inerente à sua aplicação, mas igualmente pela profundidade das informações recolhidas. Contudo, parece faltar nesta técnica duas potencialidades importantes na pesquisa sociológica: a relação dos indivíduos com o espaço enquanto instituição e o mapeamento dos comportamentos que configuram essa relação, numa lógica ancorada na perspetiva da Sociologia do Indivíduo de Martuccelli e Singly. Ora, é nesta lógica que o presente trabalho propõe a integração da técnica do mapeamento do comportamento humano (MCH) na investigação sociológica, enquanto técnica amplamente usada pela psicologia ambiental, arquitectura paisagista e ecologia. No domínio sociológico, seria pertinente a adoção pela abordagem do place-centered, ou seja, a observação das práticas dos indivíduos num determinado espaço com o objetivo de perceber as suas interações mútuas. A vantagem que decorre da sua aplicação vai mais longe do que um mero registo no próprio contexto: cada espaço tem associado determinadas características físicas e socioculturais, originando um padrão de comportamento consistente com os seus utilizadores, umas vezes decorrente do planeamento do seu espaço, outras dos usos que se foram instituindo. Por outro lado, permite uma espacialização de um determinado comportamento, o que resultará na identificação de clusters de ações praticadas por grupos num dado espaço. Esta técnica, ainda que passível de ser utilizada em todas as áreas da sociologia, assume particular relevância no domínio da sociologia do ambiente e urbana, mais concretamente no interesse pelos usos dos espaços verdes urbanos, enquanto área ainda por explorar do ponto de vista sociológico. Numa sociedade que enfrenta grandes desafios sociais e ambientais, os espaços

verdes em contexto urbano são um importante ecossistema que pode contribuir na mitigação dos impactos decorrentes destes desafios. Mas, para isso, é preciso perceber como estes espaços são utilizados, quem são os seus utilizadores, o que fazem e onde ocorre, e, também, como interagem e de que forma as características físicas desse espaço influenciam ou condicionam os seus comportamentos. O MCH implica o desenho de um protocolo subjacente à sua aplicação, onde deve constar a realidade a observar, a delimitação das áreas, a determinação do período de análise, a definição de uma grelha de observação e a codificação dos comportamentos a registar. Os dados recolhidos são registados no local e imediatamente mapeados, traduzindo-se num maior rigor e num registo elevado de observações. Assim, e perante uma realidade atual de forte individualização das relações sociais, torna-se necessário revitalizar a teoria e o método de modo a que seja possível responder aos novos desafios sociológicos.

Palavras chave: mapeamento do comportamento humano; sociologia do indivíduo; espaços verdes urbanos; usos e sentidos

XI-APS-53707 -Reflexividade científica em interpretação de dados qualitativos em grupo

Anne Schippling - Centro de Investigação e Estudos de Sociologia - Instituto Universitário de Lisboa (CIES-IUL), ISCTE-IUL

Maria Álvares - Centro de Investigação e Estudos de Sociologia - Instituto Universitário de Lisboa (CIES-IUL), ISCTE-IUL

Comunicação Oral

A interpretação de dados qualitativos em grupo é uma prática comum na investigação qualitativa em ciências sociais, especialmente em países com a língua alemã, onde essa prática se tornou uma parte integrante da pesquisa e do ensino na universidade (Schippling 2017). Na base de uma *investigator triangulation* (Flick 2004), a prática de grupos de interpretação visa a construção de um *habitus* científico reflexivo (Bourdieu 1997), que tem em vista a geração de um conhecimento que se baseia na rutura das construções do senso comum, provocando, ao mesmo tempo, uma consciencialização e reflexão das condições sociais do processo de investigação e dos próprios investigadores (Reichertz 2013; Schippling & Álvares 2019). Apesar de a *investigator triangulation* ser uma prática aplicada na investigação qualitativa, existe muito pouca investigação científica sobre essa prática e suas implicações para o processo de investigação e da geração de conhecimento nesse âmbito. A contribuição propõe (1) uma descrição dos fundamentos históricos da interpretação em grupo e das suas atuais formas de existência, (2) uma discussão de exemplos empíricos da interpretação em grupo, realizados em oficinas de interpretação na Alemanha e em Portugal, e (3) uma reflexão sobre desafios metodológicos para a interpretação qualitativa em grupo. Referências bibliográficas Bourdieu, P. (1997). Les